

BECO DOS EXCLUÍDOS

Marcello Sigwalt
Da equipe do *Correio*

Existe uma região de localização nobre às margens da W3 Norte — uma das principais vias que cortam a cidade — que há anos permanece praticamente esquecida das administrações da cidade e do DF. É o beco dos excluídos — dezenas de casas imprensadas entre pontos comerciais, oficinas, agências de automóveis, alguns restaurantes e lanchonetes. De área residencial especial, os becos acabaram se transformando em depósito de lixo (lançados pelos vizinhos comerciantes e por quem passa pelo local), dormitório de bêbados e mendigos, além de esconderijo para assaltantes e meninos de rua que cheiram cola. As constantes reclamações dos moradores desse tormento urbano não foram suficientes para reverter a situação.

Quando chove, a situação fica ainda mais complicada. Poças d'água dão lugar a um rio de lama. A maior parte dos moradores permanece no beco, mais por necessidade financeira do que por gosto. A proximidade com o centro da cidade e o comércio contribui para manter ali os mais insatisfeitos. É o caso do comerciante João Carmo de Souza, 47 anos, que mora no local há oito anos. Ainda hoje, ele luta pelo reconhecimento do beco como área estritamente residencial, mas continua, por enquanto, sem ser ouvido.

“Se soubesse que vir para cá me traria tantos problemas, teria desistido do negócio”, admite João, que possui uma lanchonete próxima à sua casa, no bloco E da CLRN 703.

IPTU CARO E SEM CONTRAPARTIDA

O maior alvo de sua indignação é o valor do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). “Estou pagando mais de R\$ 1 mil desse imposto por ano. Não acho justo isso, pois não recebo qualquer serviço correspondente”, afirma o comerciante.

Ele teve que lutar muito para comprar um telefone residencial na Telebrasília. “Tive de convencer um diretor da empresa a mandar um assessor para constatar que realmente morávamos aqui e que o aparelho não teria fins comerciais. No dia seguinte, instalaram o telefone”.

Sua mulher, Abcemar Leite Carmo, 36 anos, lembra que, por diversas vezes, tentou, em vão, conven-

Fotos: Paulo de Araújo



Os ladrões já entraram na casa de Abcemar, que evita sair de casa depois das dez da noite com medo da violência. Ela reclama que os moradores dos becos são esquecidos pelo serviço de limpeza

cer a equipe do SLU a estender o serviço de limpeza aos becos. “Na ocasião, me disseram que outra equipe estaria encarregada de fazer o trabalho, mas ela nunca apareceu”, reclama.

O abandono do local é um campo aberto à ação de marginais. A ousadia dos assaltantes foi tanta que a casa de Abcemar já foi assaltada duas vezes. Na última, há seis anos, serraram as grades de proteção da janela e invadiram a casa. Ninguém saiu ferido porque a família estava viajando.

LUGAR DOS ESQUECIDOS

“Esqueceram de nós aqui”, resume Abcemar. Quando é necessário, ela reúne coragem para sair à rua por volta das 22h. Mas teme que algo aconteça. João sugere a colocação de um portão que transforme o beco em uma espécie de condomínio residencial. Mas tem poucas esperanças de que isso ocorra. “Cada morador teria uma chave do cadeado para abrir o portão, que ficaria permanentemente fechado”, explica.

Aurélio Dias de Oliveira, 30 anos (casado, uma filha pequena) também comerciante, é outro que reclama do IPTU. Morador de um sobrado de 90 metros quadrados na SCRN 703, ele teve mais sorte que João. Divide a conta com o dono da oficina, no térreo.

Ao contrário de João, Aurélio está acostumado com as condições de vida do beco. Mesmo tendo sido roubado no quintal em frente à casa (provavelmente pivetes pularam a grade de mais de dois metros e leva-

ram sua bicicleta), Aurélio nunca sentiu vontade de pedir providências junto aos órgãos competentes.

O que mais o irrita é a dificuldade de localização de seu endereço pelos amigos. “Esse problema se repete a toda hora”, afirma. A poeira no sobrado é constante e obriga a limpeza diária da casa. Em meio à degradação do lugar, Aurélio convive uma gigantesca bananeira plantada na frente da casa de seu vizinho. Pelo menos serve de sombra.



Aurea Gonçalves paga R\$ 400 pelo aluguel de uma casa no beco: medo da chuva e do lamaçal

MORADIA DE GRAÇA

Outra moradora, Rosângela Francisco Santos, mora no beco há pouco mais de três meses, tempo de vida de seu filho. A casa na verdade é a parte dos fundos da oficina onde trabalha seu marido, como mecânico de automóveis — ganha, por mês, em média, R\$ 800,00. Cortesia do patrão — o casal não paga nada pela estada.

“Antes morava em Sobradinho com minha cunhada. Mas depois que nasceu o bebê, vim para cá”, relata, sem esconder o constrangimento. A poucos metros do recém-nascido, ao lado da porta da casa, há uma chaminé encravada na parede, provavelmente para emissão de gases e substâncias poluentes. Proibido por obstruir a passagem de pessoas, um varal para secagem de roupas dá o tom da precariedade da habitação.

A dona-de-casa Aurea Gonçalves Pinto, 50 anos, é testemunha viva da decadência e do abandono a que ficou relegado o be-

co, onde vive há oito anos. Viúva, três filhos, ela não tem condições de sair dali. Da renda familiar mensal de R\$ 2 mil, cerca de R\$ 400,00, são gastos com aluguel. O teto da sala do imóvel está tomado por infiltrações.

Áurea precisou colocar uma lâmpada do lado de fora da casa para saber onde está pisando. Quando chove, a situação fica pior, a rua vira um rio, de lama, entre outros detritos. “Já procurei a CEB e me disseram que não se pode fazer nada por nós”, afirma.

O único filho, Menezes Francisco Rosa, 27, trabalha como operador de microcomputadores e não escolhe palavras quando se refere ao pai. “A única coisa que ele deixou foram muitas dívidas”, critica, sem esconder o ressentimento. Áurea não conseguiu garantir pensão do marido falecido.

A rede elétrica da habitação é semelhante a um labirinto. Ninguém sabe onde começa ou termina. “Quando os vizinhos tomam banho, somos obrigados a esperar. Caso contrário, cai a energia”, conta.

“Não compensa mudar para uma cidade próxima, como Taguatinga, porque acabaria custando mais caro se deslocar diariamente até Brasília, sem contar os constantes engarrafamentos”, justifica Áurea. As dificuldades dos habitantes do beco mostram que nem sempre morar no Plano Piloto é sinônimo de status.

A UNIÃO FAZ A OBRA

O diretor de operações da SLU, João José Azevedo, rebate a alega-

ção de abandono do local. “O problema é que, mesmo contando com uma equipe própria para fazer a coleta do lixo, as oficinas insistem em lançar detritos no meio dos becos”. Azevedo aponta os moradores das quitinetes da região como co-responsáveis pela sujeira.

Segundo ele, mesmo que o serviço fosse feito várias vezes por dia, não seria suficiente. “A solução para a questão está mais relacionada com a conscientização do que qualquer outra coisa”, sentença.

Para que a área receba iluminação, a assessoria da CEB informou que a Administração Regional de Brasília teria de fazer uma solicitação formal, além de apresentar um projeto específico.

A diretora de Obras da Administração de Brasília, Virgínia Cussi Sanchez, explica que o problema ainda não foi resolvido porque os moradores não se unem para fazer um pedido único à administração. Ela conta que cada morador reivindicava, isoladamente, um poste para iluminar a frente de sua casa. Daí, o impasse persiste até agora.

Uma vez recebida pela Administração de Brasília, o pedido conjunto dos moradores dos becos vai ter de entrar na fila, pois existem outros na frente. Mesmo que a solicitação fosse feita logo, os moradores teriam que esperar até o ano que vem para ver suas ruas mais iluminadas e seguras. Isto porque os recursos do orçamento participativo para este ano já estão esgotados. Só em 1999, Paciência será o principal exercício para os moradores dos becos nos próximos meses.